

Globethics Repository



Vontade antropológica e biopolítica [Antropológica and Biopolitical Will]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository.
More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Junges, Márcia
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-09-23 06:07:27
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/160422

foram precedidas de um “desgoverno [ético] da individualização”. Por governo da individualização, Foucault entendeu todos os procedimentos políticos atuantes nas diferentes práticas sociais que pretendem nos fixar uma identidade. Ao operar pela individualização, esses procedimentos buscam obstaculizar a constituição da individualização ou da singularidade. Contudo, Foucault entende que o poder, no sentido de governamentalidade, supõe sempre sujeitos suscetíveis de agir livremente diante da ação de outrem. Significa que, se o governo biopolítico atual procura regular nossa vida principalmente pela modulação das forças mentais da memória e da atenção, as resistências ou processos de subjetivação, por sua vez, podem agir no mesmo campo de aplicação do biopoder. Quando os indivíduos travam um permanente embate agonístico entre as forças do desejo e as potências da liberdade, têm como efeito a constituição de diferentes “modos de viver”. Essas modulações vitais resultantes do trabalho ético, na medida em que não visam à constituição de uma identidade (de um ser), mas de um modo de ser (uma estilística da existência) não inapreensíveis pelo governo da individualização; elas possibilitam uma requalificação do desejo, do querer e da atenção por parte das forças da liberdade. A subjetivação ética constitui a forma mais suscetível de despotencializar o governo da individualização. Arrisco-me a dizer que a criação de uma relação diferente com o ato de consumir em nossa sociedade poderia ser uma das formas do desgoverno biopolítico da vida humana, porque implicaria em nova qualificação do desejo, distante de sua modulação governamentalizada e mimeticamente colonizada da vida interior.

LEIA MAIS...

>> Confira outra entrevista concedida por César Candiotti à IHU On-Line.

* *Foucault e a governamentalidade biopolítica.* Edição número 324, revista IHU On-Line, de 12-04-2010, disponível em <http://bit.ly/cuwk84>.

Vontade antropológica e biopolítica

O filósofo Fabián Ludueña relaciona a vontade antropológica e a biopolítica, questionando se, ao invés de uma biopolítica, não está surgindo uma nova ordem política mundial

POR MÁRCIA JUNGES | TRADUÇÃO BENNO DISCHINGER

A antropológica é um conjunto de “técnicas mediante as quais as comunidades da espécie humana e os indivíduos que a compõem atuam sobre sua própria natureza com o fim de guiar, expandir, modificar ou domesticar seu substrato biológico com vistas à produção daquilo que, primeiro, a filosofia e logo as ciências biológicas e humanas costumam denominar ‘homem’”. A explicação é do filósofo argentino Fabián Ludueña, professor da Universidade de Buenos Aires - UBA, na Argentina. Em sua opinião, “se a memória for dissociada de uma reflexão sobre a temporalidade, corremos o risco de submeter-nos a uma visão distorcida de um presente centrado sobre si mesmo. Neste sentido, a memória só pode ser produtiva quando se torna não só a memória do vivido ou do passado nacional ou étnico, senão também uma forma de memória ancestral, unicamente acessível ao que me agrada denominar a ultra-história das culturas”. Ludueña acentua que precisamos nos perguntar se o “destino das sociedades contemporâneas está marcado pela problemática biopolítica ou, se pelo contrário, não estaria se configurando, no solo do nosso presente, uma nova ordem política mundial, na qual a noção mesma de vida está sofrendo inelutáveis transformações que podem conduzir até sua superação, pelo menos nas formas tradicionais em que as temos conhecido”. As declarações podem ser conferidas na íntegra na entrevista a seguir, concedida por e-mail à IHU On-Line, debatendo aspectos apresentados no minicurso *A vontade antropológica: a teologia política cristã e o nascimento da ordem biopolítica moderna*, ministrado por Ludueña em 16-09-2010, dentro da programação do XI Simpósio Internacional IHU: o (des)governo biopolítico da vida humana.

Fabián Ludueña é licenciado em Sociologia pela UBA, mestre e doutor em História da Civilização pela École des Hautes Etudes en Sciences Sociales de Paris - EHESS com a tese *Théologie politique et théologie économique chez Marsile Ficin* (1433-1499). É autor de *Homo Oeconomicus. Marsilio Ficino, la teología y los misterios paganos* (1433-1499) (Madri: Miño y Dávila Editores, 2007). Confira a entrevista.

IHU On-Line - O que podemos entender por vontade antropológica?

Fabián Ludueña - Trata-se de um conceito que, em muitos sentidos, define melhor o meu trabalho do que o de biopolítica. Entendo com ele as técnicas mediante as quais as comunidades da espécie humana

e os indivíduos que a compõem atuam sobre sua própria natureza com o fim de guiar, expandir, modificar ou domesticar seu substrato biológico com vistas à produção daquilo que, primeiro, a filosofia e logo as ciências biológicas e humanas costumam denominar “homem”. O processo de

hominização e a própria história da espécie *Homo sapiens* até a atualidade coincide, então, com a história das antropotecnologias (econômicas, sociais, educacionais, jurídico-políticas, éticas) que buscaram, incessantemente, fabricar o humano como *ex-tasis* da condição animal.

IHU On-Line - Qual é a relação entre a teologia política cristã e o nascimento da ordem biopolítica moderna?

Fabián Ludueña - Sem dúvida, de modo muito geral, podemos dizer que o mesianismo cristão dos primeiros tempos fez frente ao problema da lei e da instauração de uma comunidade política de ordem absolutamente inédita até esse momento, através da colocação em jogo do conceito de *zoé aionios*, de vida eterna. Em consequência, por meio desta noção revolucionária, todos os conceitos políticos do mundo romano se viram alterados em função da aparição de uma nova concepção da relação entre o direito e a vida, que impregnará o destino das sociedades ocidentais até a atualidade.

IHU On-Line - Em que medida a memória se torna importante dentro desse cenário biopolítico?

Fabián Ludueña - As práticas da memória têm sido fundamentais por um sem-número de razões, sobretudo a partir das experiências políticas do século XX. Sem embargo, há certo perigo no auge do “momento memorialístico” que estamos experimentando na atualidade, caso este se realize sem o respaldo nos saberes histórico-filosóficos que desenvolveram metodologias e formas de aproximação ao passado que, necessariamente, se constroem segundo uma dialética diferente daquela da memória. Se a memória for dissociada de uma reflexão sobre a temporalidade, corremos o risco de submeter-nos a uma visão distorcida de um presente centrado sobre si mes-

“Provavelmente estejamos frente a um sistema político global que produz elites diferenciadas - tanto ao nível dos saberes como dos hábitos de vida - e massas cada vez mais amplas de população lançadas fora de todo sistema econômico-político”

mo. Neste sentido, a memória só pode ser produtiva quando se torna não só a memória do vivido ou do passado nacional ou étnico, senão também uma forma de memória ancestral, unicamente acessível ao que me agrada denominar a ultra-história das culturas.

IHU On-Line - Em que aspectos a moderna biopolítica é preponderante na constituição da subjetividade do moderno sujeito?

Fabián Ludueña - Os trabalhos de Michel Foucault mostraram até que ponto a governabilidade biopolítica tem estado no centro das preocupações dos Estados modernos. Neste sentido, tanto o governo das populações como o governo de si mesmo, a política e a ética dos modernos, sempre estiveram modelados segundo um esquema que seculariza, um modelo teológico-político próprio do cristianismo. Sem dúvida, o verdadeiro desafio consiste em perguntar-nos se verdadeiramente o destino das sociedades contemporâ-

neas está marcado pela problemática biopolítica ou, se pelo contrário, não estaria se configurando, no solo do nosso presente, uma nova ordem política mundial, na qual a noção mesma de vida está sofrendo inelutáveis transformações que podem conduzir até sua superação, pelo menos nas formas tradicionais em que as temos conhecido.

IHU On-Line - Que relações estabelecerá entre o biopoder e a normalização dos sujeitos? Rumamos a uma sociedade que, cada vez mais, apaga as diferenças de cada pessoa, homogeneizando-as?

Fabián Ludueña - As tendências normalizadoras próprias das sociedades disciplinares e biopolíticas da modernidade constituem, sem dúvida, uma parte importante da deriva atual do biopoder. Porém, ao mesmo tempo, não creio que seja possível afirmar que estamos simplesmente frente a um poder homogeneizante. Junto com este, convivem formas de diferenciação e zonas de singularização que são parte do esquema político das sociedades atuais. As formas de vida proliferam em sua luta contra os dispositivos que produzem certos modos de homogeneidade através dos meios massivos de comunicação, os quais somente agora começam, talvez ainda muito timidamente, a abandonar sua pré-história informacional para adentrar-se em novas e insuspeitadas formas de politização. Apesar disto, provavelmente estejamos frente a um sistema político global que produz elites diferenciadas - tanto ao nível dos saberes como dos hábitos de vida - e massas cada vez mais amplas de população lançadas fora de todo sistema econômico-político. A expulsão dos excluídos gera, sem dúvida, um cenário que atuará como fermento de futuros conflitos e violências, na medida em que avançar este século.

WWW.IHU.UNISINOS.BR